

e absorver. É o perfeito desejo de todos os bibliotecários e catalogadores — o seu último sonho de vingança contra êsse querido inimigo — o intelectual.

As obras — aquêles que as manejam *em conjunto*, precisam, por vêzes, recordar-se — são publicadas afim de serem lidas. Não importa seja raro, primorosamente ilustrado ou perfeitamente impresso, um livro; no campo das pesquisas, nunca realiza a respectiva finalidade, enquanto não se tenha tornado meio de comunicação entre o pensamento e o espírito.

#### PROCEDIMENTO PARA OBTER OS SERVIÇOS DO CATÁLOGO COLETIVO

Nota — Tanto quanto possível, as fontes próximas devem ser esgotadas antes de ser consultado o Catálogo Coletivo.

1. Verifique o autor, o título e a imprensa em algum bom catálogo ou bibliografia para comprovar a exatidão da escrita, datas, etc.

2. Organize os itens a serem procurados, em ordem alfabética de autores (ou título, hipótese de trabalhos reconhecidos como anônimos) e, no caso de mais de uma obra de único autor, estabeleça ordem alfabética de acôrdo com o título.

3. Prepare a lista em triplicata, deixando amplo espaço entre as entradas e em ambas as margens para anotações de resposta.

4. Forneça o autor, título, lugar de publicação, nome do editor e data da edição. (Caso não haja necessidade específica de certa edição, convém determinar “qualquer edição”). Designe o volume ou os volumes desejados, se não fôr preciso o trabalho completo.

Responder-se-á prontamente à localização de títulos, encontrados no Catálogo Coletivo. Uma lista escolhida de elementos não encontrados é distribuída semanalmente à pesquisa, em alguns dos cinquenta catálogos coletivos regionais e em grandes bibliotecas de preferência. Os títulos mais importantes, não sendo trazidos à luz por essas duas operações, incluem-se na *Selected of Unlocated Research Books* e quaisquer “indicações” ou outros informes, resultantes dessa publicação são transmitidas ao pesquisador original.

N.B.: Em consequência da quantidade dos serviços normais, o Catálogo Coletivo não pode encarregar-se de “procurar” longas listas, mas sugerem-se pessoas competentes, que farão o trabalho mediante razoável remuneração.

Cópias fotográficas das fichas do Catálogo Coletivo podem ser obtidas a preço módico.

## APERFEIÇOAMENTO

# Curso de orientação, seleção e readaptação profissional

MIRA Y LOPEZ

### 17ª AULA

O problema da “automatização” do trabalho. Exploração da “distração”, “concentração”, “adaptabilidade” e “regularidade” do rendimento érgico.

Tendo em conta que todo esforço voluntário — enquanto requer uma adaptação ativa e implica pôr em movimento os planos consciêntes da individualidade — é muito mais fatigante que a execução automática dos atos, compreende-se que a automatização de grande número de ocupações resulte um ideal a alcançar. A experiência demonstra que, quando se consegue desprender a vigilância consciente da execução de qualquer trabalho, êste não sofre muito em sua qualidade, e, em compensação, se suprime em grande parte a vivacidade de fadiga psíquica que, por si só, é capaz de provocar a necessidade de interromper o rendimento.

Resta saber se os trabalhos automatizados fatigam menos por prescindir dessa supervigilância, dessa censura ou energia dedicada ao contrôle de seus atos, ou, então,

fatigam menos e não requerem o uso dessa energia por haver chegado a um limite de perfectibilidade no qual os passos sinapsiais se fazem sem consumo considerável de energia. Dito de um modo mais claro: resta saber se o automatismo é condição ou efeito concomitante da ausência da fadiga.

De qualquer modo, há ocasiões em que parece não se cumprir a premissa do dilema estabelecido, ou seja: há trabalhos nos quais, junto com a automatização, sobrevém um efeito psíquico de desinterêsse, primeiro, de aborrecimento, depois e finalmente, de “necessidade de mudança” que provoca sua interrupção ou um novo tipo da fadiga que, então, não se produz pelo trabalho em si mesmo, mas pelo fato de ter que manter inativas grandes zonas do aparelho psíquico, já que a execução material do trabalho automatizado mantém ocupados os aparelhos sensoriais e motores implicados em dar satisfação às tendências provenientes das ditas zonas.

Aborrecimento e fadiga — resultam, assim, dois conceitos que podem ser considerados isoladamente, porém, com grande freqüência, se imbricam e em outras oca-

siões se influenciam reciprocamente. Antes de Munsterberg a crença geral era de que os trabalhos fáceis e monótonos eram os menos fatigantes e os mais aborrecidos. Em compensação os trabalhos difíceis e variáveis eram os mais fatigantes, porém os menos aborrecidos. Contudo as experiências desse investigador demonstraram que o problema é muito mais complexo e não se podia obter uma equação que ligasse matematicamente as relações entre estas variáveis: Facilidade (simplicidade, monotonia) de execução — Aborrecimento (desinteresse) — Fadiga (intolerância ou dificuldade do esforço para prosseguir).

Vejamos, pois, em que consistiram fundamentalmente essas experiências:

*Resultados experimentais de Hugo Munsterberg com seus testes de estímulos similares e dissimilares e de reações monótonas e variáveis.*

H. Munsterberg submeteu um grande grupo de estudantes de sua aula de Psicologia, há mais de um quarto de século, a uma série de experiências consistentes nas tarefas seguintes:

a) fazia-se o indivíduo perceber, simultaneamente, duas séries de estímulos, constituídas pelo mesmo dêles, porém diversamente distribuídos: na primeira, a natureza, o ritmo e o lugar de apresentação e de incidência eram constantes (est. monótonos ou similares); na segunda, eram variáveis (est. variáveis ou dissimilares). No fim de cada experiência, o indivíduo era interrogado, a respeito de qual das duas continha maior número de estímulos e em quanto avaliava a diferença.

b) Em frente a uma mesma apresentação de estímulos fazia-se o indivíduo reagir por períodos alternados e sucessivos, algumas vezes de um mesmo modo (reação monótona consciente, por exemplo: apertar uma mesma pulseira) e, outras, de um modo variável e não predeterminado (a reação era irregular em ritmos, natureza e lugar de execução). No fim, se lhe perguntava, também, qual dos dois períodos de trabalho havia sido mais longo.

Tais experiências demonstraram a Munsterberg que havia uma porcentagem de indivíduo nos quais não se apreciava diferenças sensíveis na avaliação de umas e outras séries de estímulos e reações, porém havia um grupo que tendia a sobrestimar os estímulos e reações *similares* e outro que propendia a fazer o mesmo com os estímulos e reações *dissimilares*. O mais extraordinário do caso — ao contrário do que o próprio investigador havia suposto — foi que as mesmas pessoas que sobrestimavam a lista dos estímulos (ou a lista das reações) *similares*, e portanto pareciam perceber mais a *monotonia*, eram as que tinham sua vida ordenada de um modo mais uniforme e monótono; em compensação, as que sobrestimam os estímulos e reações *dissimilares* e, portanto, pareciam perceber menos a monotonia, eram as que, em sua própria vida, a toleravam menos, pois se mostravam desordenadas e instáveis.

Investigações posteriores realizadas pelo Instituto Psicotécnico de Catalunha, completando essas experiências com a obtenção de tempos de reação, de medidas do metabolismo e de apreciação do denominado “tempo psíquico”, deram a explicação do aparente paradoxo: o que, em realidade, sucedia ao grupo de pessoas que pareciam sobrestimar os estímulos similares era que *deixavam de perceber alguns dos dissimilares* (por isso lhes parecia maior o número dos primeiros). Isto era devido a possuírem escassa rapidez de mobilização do potencial neuropsíquico; sua atenção era *viscosa* e seu ritmo perceptivo demasiado lento para poder captar os estímulos dissimilares. Em compensação, o que ocorria àqueles que sobrestimavam êstes estímulos era que, por se acharem dotados de uma atenção rápida, facilmente deslocável (ou seja por ter maior plasticidade pessoal), não deixavam de percebê-los e, em troca, *descuidavam-se ou não percebiam alguns dos estímulos monótonos* (pois esgotavam rapidamente seu interesse por êles, uma vez que se tinham “saturado” de sua percepção. E’ assim que, finalmente, a atitude diferente ante os problemas da monotonia e do automatismo se explicava por diferenças de estrutura ou tipologia pessoal e principalmente por fatores de ritmo funcional mental (em íntima conexão com peculiaridades temperamentais).

O problema da distração (*Ablenkbarkeit*) está em íntima conexão com o do automatismo e tem sido objeto de intensas discussões, especialmente por parte dos psicotécnicos alemães. Até há pouco tempo era costume (sobretudo nos exames das habilidades motrizes e nas denominadas provas de atenção), introduzir uma série de estímulos “parasitas” destinados a fazer desviar o indivíduo de sua tarefa principal, a menos que possuísse uma boa “resistência” a êstes motivos de distração.

O critério atual, não obstante, é contrário ao uso desse meio explorador, pois os indivíduos não se acostumam a distrair-se obedientemente quando o examinador o deseja, senão quando se lhes parece bem. De sorte que o único meio racional de averiguar a distração e, sobretudo, o efeito que o descuido e a falta de vigilância consciente exerce sobre o rendimento do trabalho é a apreciação da *constância ou regularidade do mesmo*. Onde quer que esta seja satisfatória durante um período considerável de tempo (oscilante entre uma hora e um dia de trabalho, segundo as tarefas) pode deduzir-se que ou o indivíduo não é “distraído” (e é o que interessa) ou, se o é, é capaz de distrair-se e, apesar disto, render um produto satisfatório do seu trabalho (que, entretanto, interessa mais sob o ponto de vista psicotécnico).

Naturalmente que o termo “concentração” se usa como antídoto de distração, mas é preferível abandoná-lo por ser sumamente difícil de apreciar objetivamente, dêle nada se pode deduzir diretamente da eficiência da obra.

Quanto ao problema da “adaptabilidade” (*Anpassungsfähigkeit*, dos psicotécnicos alemães) passa, por sua importância, a ser objeto da seguinte lição.

#### LEITURAS RECOMENDADAS.

FRITZ GIESE — Psychotechnick. (Trad. espanhola — Ed. Labor. Madrid).

OTTO LIPMANN — Das Problem des Ablenkbarkeit. Ztschrfts. Angew.

Psychologie. Springer. Berlin 1922.

E. MIRAS — Las pruebas de Munsterberg y el problema de la Monotonia. Anals de I Institut de Orientacion Profesional de Barcelona n.ºs 1 y 2.

#### 18ª AULA

Importância do estudo da “adaptabilidade” em relação com a O.P. Diferenças temperamentais responsáveis pelos diversos graus de resistência à monotonia e de “plasticidade” psíquica.

O problema inicial da adaptabilidade foi apresentado pelo psicólogo holandês Wayembourg, na Conferência Internacional de Psicotécnica de Utrecht (1925) sob a seguinte forma: *quais são os fatores que intervêm na maior ou menor facilidade de transferência de uma aprendizagem determinada a outra similar?* Em relação a um trabalho qualquer pode-se variar experimentalmente: a) o ritmo (velocidade); b) a seriação dos atos; c) as formas de reação; d) as condições de execução (dependentes, por sua vez, dos meios de captação de estímulos, das variações dêstes ou das mudanças do instrumental).

O Prof. Thorndicke já havia assinalado anteriormente que uma aprendizagem determinada resulta útil para favorecer outra similar somente na medida em que ambas possuam “elementos comuns” na configuração geral do processo adaptativo. Wayembourg, não obstante, assinalou que, prescindindo desse fator, existia uma predisposição individual ao *olvido* ou *dissolução dos hábitos* pré-formados, que em sua vez, era uma condição essencial para predizer da maior ou menor facilidade de adaptação de um indivíduo a novas condições de trabalho.

Do ponto de vista da O.P. esta questão interessa, porquanto há bastantes trabalhos profissionais nos quais cabe esperar uma freqüente modificação das formas e condições de sua execução (fatores de progresso técnico, de adaptação a novas condições econômico-sociais etc.). No entanto, há outros nos quais essa variação se pode prever que deva ser muito escassa. As pessoas que possuem essa *viscosidade ou rigidez* (tendência perseveran-

te e estereotipante) serão mais úteis para os segundos, enquanto que as que possuem maior adaptabilidade o serão para os primeiros.

Usando o material de Koffka para o reconhecimento diferencial das configurações e estudando também o comportamento dos mesmos sujeitos de experimentação ante a prova de Korschach, temos achado que as pessoas que nas provas Wayembourg resultam mais adaptáveis, em geral, são as que *com maior facilidade reconhecem a configuração através de suas diversas formas de apresentação material*, nos testes de Koffka, e as que *têm menor índice de estereotipia, com maior precisão delimitadora e maior capacidade organizadora ou combinatória*, na prova de Korschach.

*Correspondências temperamentais das atitudes pessoais com as variações da aprendizagem.*

Parece existir uma correlação positiva entre o grau de predomínio do *tonus vagal* e a dificuldade pessoal à adaptação a novas condições de aprendizagem. Reciprocamente, parece existir uma correlação positiva entre o grau de predomínio do *tonus simpático* e a adaptabilidade. No primeiro caso achamo-nos ante indivíduos com tendência ao enjôo, à hipotensão, a espasmodicidade, da fibra lisa, na hipersecreção salivar e sudoral e à fadigabilidade rápida. No segundo, ante indivíduos com tendência à irradiação (difusão) e portanto "globalização" das ondas de trabalho neuropsíquico. Esses indivíduos correspondem bastante ao tipo denominado "integrado" de Jaensch, ou seja, que conservam certas características infantis ou juvenis, apesar de sua idade: por isso quase sempre representam menos idade da que realmente têm; são ágeis, com abundante pantomima, predomínio da intuição sobre a reflexão, emoções rápidas mas superficiais. Os primeiros na classificação antiga correspondem predominantemente ao denominado "tipo linfático"; os segundos, ao contrário, encontram-se com maior frequência nos tipos restantes (nervoso, sanguíneo e bilioso) sem coincidir, todavia, com nenhum deles completamente.

É conveniente saber se existe ou não fator "G" de adaptabilidade ou se esta propriedade oferece, realmente, notáveis variações segundo o tipo de rendimento pelo qual se aprecie. As experiências de Wayembourg parecem confirmar, neste terreno, o conceito de Spearman-Webb, ou seja, que existe, aparentemente, uma tendência a existir permanentemente um determinado grau de adaptabilidade (e portanto, a situar-se nos mesmos níveis da escala de rigidez-plasticidade, ou perseverança-variação).

O problema apresenta-se, desde logo, mais complicado do que pode parecer a primeira vista, pois, sem dúvida, há de pesar sobre o rendimento dessa adaptação outro fator, não suficientemente tomado em conta nas experiências citadas, a saber: o *tipo* do processo de aprendizagem. Este pode ser: *imitativo, intuitivo e reflexivo*. Há indivíduos que possuem grande adaptabilidade para qualquer modificação de uma aprendizagem imitativa e, em troca, têm menos adaptabilidade para as variações da aprendizagem reflexiva etc. Sobre este particular pudemos constatar uma certa correspondência entre a adaptabilidade imitativa e as tendências *submissivas* da personalidade, quando exploramos a primeira em função do teste grafológico de Downey e as segundas com escala de G. Allport.

Há falta, pois, neste campo de uma grande massa de experiências, isto é, de todo um programa de experimentação sistemática, para por em relação os dados obtidos pelo exame médico-psiquiátrico e o exame puramente psicotécnico dos tipos de personalidade. Talvez, então, seja exequível uma análise estrutural desta capacidade de adaptação geral, que, evidentemente, também tem um certo grau de correlação com a tipologia intelectual e com o grau de coerência intrapsíquica do indivíduo. Em todo caso, já se vê que a mesma há de oscilar entre certos limites para representar um fator favorável no rendimento profissional.

#### LEITURAS RECOMENDÁVEIS

WAYEMBOURG. Das Problem des "adaptivitat" als Sonderfrage der Anlernen und Anpassungsfähigkeit. (Comptes Rendus du C. Intern. de Psychotechnique de Utrecht).

KOFFKA. Las bases de la evolución psíquica. Ed. Espasa Calpe (Cap. de la perseveración y el reconocimiento de las "Gestalts").

H. WERNER. Psicologia Evolutiva. Ed. Salvat, Barcelona, 1935. (cap. de los aprendizagens imitativos en el niño y el hombre primitivo).

#### 19ª AULA

Conceito psico-somático da reação emocional. Importâncias do conhecimento da emotividade individual para fixar a O.P. Critérios gerais a seguir na exploração e na classificação do examinando do ponto de vista de sua tipologia emocional.

Há vinte anos que está em crise a Psicologia intelectualista e também a puramente "condutista". O estudo da "motivação" domina hoje em quase todos os sistemas psicológicos, ainda que adote nomes diversos; com êle, chega-se a considerar que as "tendências" — no plano objetivo, correspondentes aos "desejos" no subjetivo — são a base de nossas crenças e de nossas atitudes. Estas, por sua vez, dirigem e predeterminam nosso comportamento, e se, até certo ponto, liberam-nos de ser umas máquinas de respostas cegas às solicitações imediatas do ambiente, fazem-nos *independentes*, ou seja fazem-nos dependentes de nosso interior, de nós mesmos. Convertem-nos em *sujeitos* (livres com respeito ao exterior, de certo modo, mas sujeitos ao núcleo de forças ancestrais ingentes que constituem nossos dispositivos de reação emocional, e por sua vez, criam nossos "apetites" ou necessidades bi-pessoais).

A moderna Tipologia e a moderna caracterologia chegam à conclusão comum em que existe sempre uma grande correlação entre os aspectos orgânicos pessoais do funcionalismo individual. Esta correlação se evidencia preferentemente nos estados de "emergência", nos quais o Ser enfrenta um desajuste ou um desequilíbrio momentâneo em suas relações com o ambiente, e, coisa curiosa, não é, geralmente, produzida pela ação de estímulos perturbadores, mas pela ausência ou carência dos desejos (denominados, em termos psicoanalíticos, "Objetos libidinosos", e, em psicologia dinâmica, "goals").

Em tais situações origina-se uma inquietude, uma urgência, um "craving" etc. da a individualidade se integra e orienta para sua satisfação. A diferença essencial entre o homem e o animal está em que aquele pode "contorná-la" e "adiá-la" ou seja, pode logrará-la "indireta e retardadamente", enquanto que o animal costuma proporcionar-se essa satisfação direta e imediatamente. Por isto, o homem reprime seus estados emocionais e o animal não. Este é o preço que se paga pela "cultura" e pela "civilização".

Toda a Psicologia clássica e até a Psicologia experimental do século passado cometeram o erro de crer que esta "repressão" equivalia a uma "supressão", mas hoje sabemos que "nada se perde nem se destrói no universo psíquico físico. E se é assim, acharemos sempre, atrás de aparente entratificação das opiniões, dos propósitos, de hábitos, das ambições, etc. uma força impulsora que se encontra sempre pronta a libertar-se (ab-reagir) em forma de *emoção*.

Em seu mais recente livro "Emotions in animal and man" que o conferencista acaba de traduzir para o espanhol, T. Young afirma, com toda razão, que o "afetivo" é o afetivo na vida pessoal e sustenta que nada faz o homem de significação real sem achar-se propulsado pela energia emocionante. Ao mesmo tempo define a emoção como uma reação psio-somática, isto é, como um estado da dinâmica individual qual vibram e se alteram todos os planos funcionais, sempre orientado para um (goal) e assegurado por uma necessidade (urge). Pois bem: o homem uma vez gerado e criado, passa a ser *criador* ou seja, produtor.

A função criadora ou produtora (que quando tem por objeto a produção de outro ser humano se chama reprodutora) é conhecida em Economia com o nome de *Trabalho*, e, como não pode por menos, determina um estado emocional peculiar: "a emoção criadora". Quem não sente esta emoção, quem não se entrega a ela to-

talmente e vive com "amor" sua obra, poderá ser um repetidor aceitável (mecânico, verbal ou teórico) de dados, formas e objetos; poderá ser um ator discreto no campo do trabalho, mas jamais será um autor. Ficará no plano imitativo do operário, mas não se elevará ao plano produtor do artífice.

*A importância das reações emocionais é ainda maior para determinar a Orientação Profissional nas profissões superiores intelectuais, liberais.*

Precisamente por exigirem maior capacidade de criação e acarretar maior responsabilidade social, os efeitos nocivos de um mau tecedor, sapateiro, varredor ou ebanista não podem ser comparados com os de um mau médico, engenheiro, político ou advogado. Nestes últimos casos, não basta saber "que é capaz de fazer" mas precisa saber "que quer fazer" o indivíduo com sua atividade profissional; esta é tanto menos controlada quanto mais deveria sê-lo; um cobrador de bondes tem um inspetor, mas um condutor de nações não o tem (pois já é sabido que a "opinião pública" é a que menos pode opinar livremente em regra, ou a que menos é ouvida).

*Cada trabalho profissional requer preferentemente um tipo de atitude emocional.*

Está por ser feita uma classificação de trabalhos profissionais baseada nas emoções que melhor possam impulsioná-los. Em uma conferência anterior ao tratar de gênese vocacional — pôs-se em evidência como as tendências primárias de reação (exibicionistas, possessivas, táticas, etc.) condicionam intensamente a atração e a eficiência para diversos trabalhos. Aqui se acrescentará que não é difícil ver que a "emoção estética" constitui a coluna vertebral da eficiência artística; a "emoção colérica" está implícita nos trabalhos ofensivos, destruidores ou bélicos; a "emoção inquisidora" (curiosidade ou apetência de saber), impulsiona os trabalhos de investigação; a "emoção do medo" convém às tarefas de controle e defesa; a "emoção amorosa" — em seu mais amplo sentido — é conveniente aos trabalhos de ação social", etc. etc.

*Crêrios a seguir na exploração do tipo afetivo-emocional do sujeito.*

Cada psicólogo tem u'a maneira de exploração deste aspecto da vida pessoal. Numa das mais completas e

complexas é a proposta recentemente por A. Murray, de tendência francamente freudiana, mas com influências "condutistas" (behaviorismo) e pessoas autóctones. Sua lista de 20 necessidades fundamentais conduz a uma discriminação sutil da tipologia afetivo-emocional e caracterológica, mas sofre no nosso entender, de um excesso de teorismo, pois as provas sôbre que se baseia a exploração (questionários, TAT, prova dramática, etc.) podem ser bastante truncadas por um sujeito medianamente inteligente e posto na "defensiva" no ato da exploração. Por isto, sem renunciar ao emprêgo dessas provas, damos preferência aos dados de ordem objetiva (que podem ser obtidos na biografia e na ficha social, no exame médico e testes realistas).

No relatório apresentado em 1930 ao congresso de Neuropsiquiatria de Saragoça sôbre a exploração da afetividade "enumeramos a maior parte das técnicas empregadas até então. Algumas — como o denominado "reflexo psicogalvânico" — cairam em desuso; outras surgiram em seu lugar (obtenção do E.E.G. em situações emocionantes. Outras mantiveram-se e aumentaram seu prestígio: entre estas é preciso citar o Psicodiagnóstico de Korschach, a grafologia, as provas psicoanalíticas e as provas de "atitude" (Pressey, Woodworth, Friyer, Allport, etc.)

Franciska Baumgarten reuniu uma boa bateria dessas provas nas quais se dão conjuntamente os dados do plano afetivo e os do plano caracterológico; de um ponto de vista prático essa integração não apresenta inconvenientes maiores, com condição de que não se esqueça de que com muita freqüência essas duas vertentes atividade pessoal se compensam, anulam-se ou se interferem dando lugar a variantes insuspeitosas da conduta, em um momento dado.

Precisa-se não esquecer, por último, a classificação temperamental de Shel e Stevens que se bem sofre deste mesmo defeito, já assinalado, também para a maioria das chamadas "escalas temperamentais" têm, entretanto, a vantagem de correlacionar-se íntimamente com a tipologia corporal dos autores citados.

## Curso de Organização e Administração

IBANY DA CUNHA RIBEIRO

### CURSOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

(Criados pelo Decreto-lei 6.440, de 27-4-44)

CURSO SUPERIOR — 2.º ANO

#### INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

(Aulas taquigrafadas por Heloisa Brito e Sousa)

#### II

Trabalho, palavra que se originou de "tripallium", instrumento cuja finalidade era a de coagir os escravos, foi definida por Chevalier, como — "esforço penoso, consciente, voluntário, produtor de utilidade", ou seja, "tôda operação executada pelo homem com um fim determinado e capaz de produzir um rendimento". Essas defi-

nições excluem os esforços produzidos instintivamente ou para satisfação de prazeres.

A lei do trabalho é ditada pela natureza. Primitivamente, cada indivíduo, cada família, trabalhava sòmente para si mesmo — o que necessitava elaborava-o sòzinho e o que produzia o consumia, também, sòzinho. A divisão do trabalho era rudimentar e sòmente se realizava em uma mesma família, mais tarde, desenvolvendo-se, umas famílias produziam certos bens e outros os aproveitavam e vice-versa.

Uns atrás dos outros, os ramos de produção se foram separando do conjunto econômico familiar e se tornando independentes. A produção familiar foi diminuindo e, finalmente, a família transformou-se de produtora em consumidora e a produção começou a fazer-se em outras entidades econômicas distintas que passaram a chamar-se "empresas".